

Entrevista

Professor Aziz Ab'Saber (USP) fala sobre o meio-ambiente e discorre sobre sua "teoria dos refúgios".

Professor Aziz Ab'Saber talks about environment and explains his "Refuge theory"

Entrevista concedida a Lisbeth Oliveira, Vinícius Jorge Sassine e Maráisa Bastos.

Resumo

"Eu queria dizer que eu tenho muitas dúvidas sobre a excessiva falação sobre mudanças climáticas, sobretudo porque a climatologia tropical não é bem conhecida pelos europeus" pondera Aziz Ab'Saber na entrevista concedida em maio último quando esteve em Goiânia, convidado para falar sobre o tema "A Revanche da Natureza". Aziz Ab'Saber, recentemente contemplado na última edição do Prêmio da Fundação Konrad Wessel de Arte, Ciência e Cultura na categoria Ciência Aplicada ao Meio Ambiente é geógrafo, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, autor de diversas teorias e projetos inovadores na geografia brasileira, tendo recebido ainda o Prêmio Santista e o Prêmio Almirante Álvaro Alberto, oferecido pelo CnPq. A preocupação com o meio ambiente sempre esteve no centro dos interesses de Aziz Ab'Saber, que publicou *Previsão de Impactos*, um estudo de impacto ambiental no Leste, Oeste e Sul, que traz experiências no Brasil, na Rússia e na Alemanha; *O Litoral Brasileiro*, cuja parte geomorfológica é dele; *São Paulo: Ensaios Entreveros* e muitos outros.

C & I - Em sua conferência "A Revanche da Natureza" o senhor tematizou um assunto bastante complexo. O que o senhor visualiza como conseqüências, como respostas que a natureza dá, está dando, em alguns aspectos antrópicos? Quais são as respostas mais concretas que a gente tem em termos ambientais em relação a tudo que a gente vê?

Ab'Saber- Em primeiro lugar, eu queria dizer que eu tenho muitas dúvidas sobre a excessiva falação sobre mudanças climáticas, sobretudo porque a climatologia tropical não é bem conhecida dos europeus, e também porque eles não se acostumaram a pensar em atividades estacionais, periódicas, que vem acontecendo há mais de um

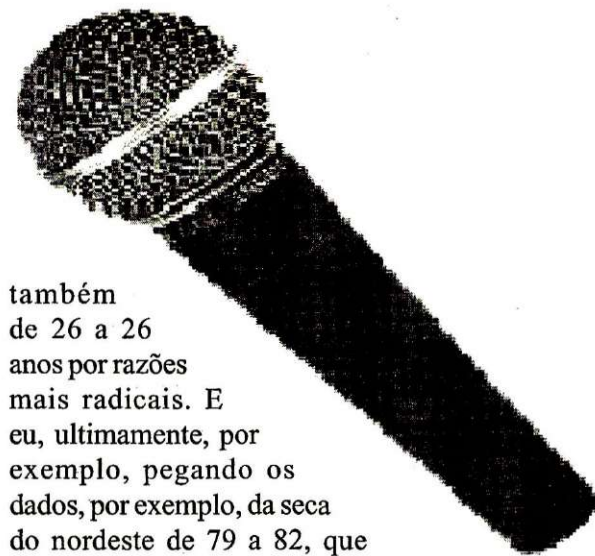
século e meio. Nesse sentido então, muitas pessoas que entram na temática da discussão sobre mudanças climáticas cometem erros monstruosos, porque não têm idéia da periodicidade climática, não têm idéia do que já aconteceu em termos de periodicidade mais longas, mais amplas. Vou dar dois exemplos: em 1879 houve uma das maiores secas da história do nordeste. Existem comentários sobre outras épocas em que aconteceram repiquetes de seca, repiquetes de seca significa o que um ano não choveu, passou para o outro ano e quando esperava-se a estação das chuvas, também não vieram quase que chuva nenhuma. Então dois repiquetes. E esses fatos não são considerados. Então se há uma secura que abrange uma faixa central da Amazônia, imediatamente os que

Lisbeth Oliveira, mestre em comunicação, pesquisadora de questões ambientais e professora na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG. E-mail: lisbetholiveira@uol.com.br. Colaboraram Vinícius J. Sassine, jornalista e Maráisa Bastos, estudante do curso de comunicação na Facomb.

gostam da temática da mudança climática já vêm falando que fica provado que o clima está mudando, enquanto isso é periodicidade. As técnicas de periodicidade foram estabelecidos pela observação de dados meteorológicos que aconteceram em lugares que tiveram amplo registro desses períodos, em outros lugares não houve grandes registros.

C&I - Então, o senhor considera que há um certo exagero nesta temática...

Ab'Saber - Bastante exagero. Além do que, as pessoas copiam o ideário mais ou menos comum que vem de países estrangeiros. Essa semana que passou, um grupo de ingleses quiz aterrorizar o mundo dizendo que as mudanças climáticas vão ser catastróficas, e não dizem o tempo, não dizem o lugar e não sabem coisa nenhuma. E eu tenho tido também a oportunidade de acompanhar pessoas que trabalham muito bem sobre periodicidade climática e, às vezes eu fico pensando ... você leu o Atlas da Dinâmica Climática do Estado de São Paulo, do Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro? Não! Não sabe! Nunca viram. E eu vou contar a você, porque eu faço essa contestação. O Carlos Augusto numa certa fase da sua vida, quando esteve em Rio Claro, estabeleceu um laboratório de análise de condições climáticas em períodos, ora mais secos, ora mais chuvosos na climatologia sub-tropical úmida do Brasil Sul e percebeu variações muito grandes em períodos de sete a treze anos. Essa questão dos períodos de treze anos é importante porque nós já temos uma correlação com fatos que estão relacionados com massas de ar que entram de modo mais acentuado na América Tropical vindas lá do pacífico. E parece que a periodicidade é 12, 13 anos e



também de 26 a 26 anos por razões mais radicais. E eu, ultimamente, por exemplo, pegando os dados, por exemplo, da seca do nordeste de 79 a 82, que praticamente destruiu o sertão em uma época que não tinha muita conexão do nordeste com o sul, quando o governo resolve mandar gente do nordeste para povoar e sobretudo trabalhar na Amazônia que já estava naquele momento com ciclo da borracha. Então quantos anos fazem de 80 para nossos dias? Cento e vinte e tantos anos. Então parece que o ciclo não é só de 13 em 13. Existem ciclos mais longos e como a pessoas não estão acostumadas a imaginar o futuro a nível de muitas profundidades de tempo, os erros são muito grandes.

C & I - Professor, por que o senhor acha que existe esse alarmismo, então? O Senhor acha que não procede a preocupação?

Ab'Saber - Esse alarmismo pode ser interpretado por uma espécie de preferência pela terminologia do momento. Por exemplo, no Brasil, uma das coisas que mais se fala, é de „sustentabilidade“: eu estou estudando a economia sustentável, eu reconheço numa empresa x que ela tem sustentabilidade, quando a gente sabe que é isso é muito relativo. Estamos vendo agora grandes problemas relacionados com a Volkswagen, não é? Então a tal

Entrevista
Entrevista

Entrevista

Entrevista

sustentabilidade é tão relativa que não convém você adotar o termo como termo para estudo a nível de todas as coisas. A mesma coisa acontece com mudanças climáticas. Existe um trabalho excepcional que já foi chamado por uma colega nossa de um “trabalho verdadeiramente oriental” em que o Carlos Augusto registrou os dados climáticos de um ano, dia a dia, temperatura e precipitações e fez a seqüência até o fim de um ano e depois escolheu um outro ano, diferente desse em que houve mudanças periódicas e fez de novo e registrou tudo isso e comentou tudo isso. Bom, eu pergunto: se ninguém fez nada disso, como é que eles estão jogando os dados que não existem e que não têm paciência pra fazer? Por isso eu tenho uma crítica assim um pouco particular por causa dessa falta de critério e de método suficiente pra dizer que está havendo mudanças climáticas.

C & I - Professor, mas existe quase uma forma consensual: ações por parte do homem mesmo, como de industrialização, urbanização, da própria agricultura que têm uma interferência direta no clima, talvez não da forma exagerada em que é mostrada. O que o senhor pontua como interferência na climatologia?

Ab'Saber - Todos nós estamos tratando às vezes do mundo biológico, das biotas, a nível de que elas estariam presentes até hoje em toda parte: o cerrado por toda parte de Goiás, Tocantins, as matas totalmente preservadas na Amazônia e as cidades sem interferência nenhuma no micro clima da região, no clima sub-aéreo da região. Isso é absolutamente verdadeiro. Há mudanças climáticas extremamente graves em função do desmatamento e em função das grandes cidades que estão tomando espaço e que eliminam

grande parte das biotas primárias da região. Mas isso não significa mudança climática global, isso é interferência dos processos antrópicos, quer urbanos, quer industriais sobre o clima sub-aéreo da região.

C & I - É o que o senhor está chamando de micro-clima?

Ab'Saber - Exato, é uma espécie de micro clima mais amplo do que o micro-clima acima. É um micro-clima regional.

C& I - E isso em Goiás é muito expressivo?

Ab'Saber - Exatamente. Numa área da Amazônia, na PA-150, que vem de Belém até o sul do Pará e vai depois para a região de Carajás, nesta área em 13 anos desapareceram 50,5% das matas e isso num período que já faz uns dez ou doze anos que foi verificado, então imagine, agora? Na cidade de São Paulo então é visível as ondas de calor quando se faz um mapeamento que foi uma sugestão do Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro que depois foi trabalhado muito bem pela Magda Lombard. Eles sabem perfeitamente que dentro do corpo urbano total tem áreas que têm temperaturas mais fortes e flexíveis. Eu mesmo moro num bairro periférico, que é bairro verde, que é três graus mais baixos que a temperatura média de São Paulo. Além disso, a gente tem outros tipos de dados, por exemplo, o primeiro laboratório de meteorologia de São Paulo no começo do século passado serve de ponto de comparação com os dados meteorológicos de hoje. Parece que São Paulo em média tinha o clima de 18,3°C e hoje tem 21°C. Portanto houve uma interferência naquele clima local.

C & I - Essa análise de clima local, nós podemos fazer?

Ab'Saber - Podemos fazer, mas eles não estão preocupados com isso. Estão preocupados com buraco negro e uma série de coisas outras que eles julgam que vão afetar o globalmente o clima ...

C & I - Ainda há uma discussão “eurocêntrica” não é? Como se o clima mediterrâneo influenciasse o resto do mundo...

Ab'Saber - Veja porque tenho minhas dúvidas: reconheço que as cidades e as indústrias perturbam o lugar onde estão. E a emendação das cidades vai piorar ainda mais essa interferência, e a emendação das cidades vai aumentar essa interferência e um dia muitas áreas do mundo, se continuar esta falta completa de pensar o futuro e de ter uma ética com o futuro, a emendação vai ser muito grande, os espaços agrários vão diminuir. Daí alguém diz: não, aí a gente vai plantar lá na Amazônia, esquecendo-se que na Amazônia continua um outro tipo de devastação e destruição das paisagens. Veja bem, até agora, no caso brasileiro, que é muito expressivo, não se conseguiu detectar nenhuma mudança no sistema das massas de ar. Nós não temos aquela coisa antiga que os especialistas do hemisfério norte diziam: a faixa equatorial, zona tórrida que seria a zonal. A zonal tem expressões na Amazônia e nenhuma expressão na Mata Atlântica, ela vem do Norte para o Sul, portanto ela é azonal. Se você observar os trabalhos que falam sobre floresta brasileira, eles não começam nem estabelecendo a diferença entre a zonalidade extraordinária da Amazônia e a azonalidade da Mata Atlântica que vem desde o sudeste do Rio Grande do Norte até o sudeste de Santa

Catarina e ainda entre um pouquinho na Serra Gaúcha.

C & I - Professor, o que esta devastação, essa perda de áreas do cerrado significa para esse microclima em determinadas regiões, aqui no Centro – oeste, por exemplo, a região de Jataí, Rio Verde, regiões onde praticamente inexistem vegetação e são regiões que tem aumentado bastante o clima, estão ficando cada vez mais quentes...

Ab'Saber - É o calor regional em função de atividades interferentes: destruição do cerrado, devastação de setores importantes da Amazônia, estabelecimento de cidades que crescem, tamponando o solo e eliminação as biotas... Mas notem bem, o jogo das massas de ar trazendo um período de chuvas e um período de maior secura aqui no Brasil Central continua o mesmo, você não tem mudanças muito sérias no ritmo climático, embora existam essas interferências e perturbações, que certamente são grandes, mas ao nível das questões sub-aéreas, onde nós estamos e não a nível global, que é o que os especialistas tentam passar.

C & I - Fazendo uma análise mais abrangente, além do clima, como o senhor vê a questão da perda da biodiversidade dos biomas, da dificuldade de se conviver com a urbanização e a preservação ambiental, até mesmo entrando nessa questão que o senhor comentou que é da conurbação que é insustentável em muitos Estados?

Ab'Saber - Eu acho o seguinte, como nós somos seres sub-aéreos, estas interferências ao nível do chão da paisagem até a troposfera são muito sérias para o homem. E daí porque a gente tem que fazer um conflito com as autoridades, que não levam

Entrevista
Entrevista



em conta isso quando eles falam em desenvolvimento.

O problema deles é tudo aquilo que possa ocasionar um desenvolvimento e uma expressão maior de ordem política ou demagógica, eles aceitam. O Lula agora está fazendo campanha a favor da Amazônia: a Amazônia não pode permanecer intocada. Eu não quero entrar na problemática de uma fala deste tipo. É uma fala horrível. Ele então dá uma justificativa: lá vivem 20 milhões de pessoas. Então veja o contrário: se nós estamos falando que a devastação oferece perigo para a população residente, no entanto outros afirmam que a Amazônia deve permanecer intocada, portanto deve ser tocada. Então é muito sério a questão do capitalismo selvagem em relação ao conceito de desenvolvimento, porque o desenvolvimento tem conseqüências, que são muitas vezes, anti-ambientais. E em todas as regiões, não é só aqui não, talvez apareça um pouco menos na caatinga nordestina, mas mesmo lá tem problemas.

C & I - Aqui no cerrado nós temos um problema que é a perda da vegetação antes mesmo dessa biodiversidade ser plenamente conhecida, plenamente não, mas mais explorada...

Ab'Saber - Mas isso é em todo Brasil. Eu estou escrevendo um livro agora

que chama "Ecossistemas Brasileiros". Por que eu escolhi esse tema? Pelo seguinte, um outro termo utilizado sem muita consciência é "ecossistema": então você tem o negócio da sustentabilidade, o negócio da mudança climática e o uso abusivo da expressão científica "ecossistema". Então eu tomei a liberdade de procurar as raízes desse tema que estavam no trabalho de um botânico lá de Oxford chamado Arthur George Tansley (1871-1955). O trabalho chama-se "The use and abuse of ecological terms". O estilo dele observar as coisas é muito parecido com o meu, o uso e abuso de expressões como sustentabilidade, mudanças climáticas e agora quando estamos falando de ecossistemas. Mas o ecossistema para Tansley era uma problemática de estudo integrado, de cada componente das paisagens primárias. Então ele dizia, o ecossistema é o estudo de um sistema ecológico de um lugar e não o estudo do sistema ecológico da Amazônia ou do Cerrado, ou da Caatinga. Ele como pesquisador dava ênfase ao estudo do lugar, onde acontece os seguintes fatos: tem sempre um suporte ecológico, que é o solo, nutrientes, os elementos bioquímicos e bióticos do chão da paisagem e depois vem a biota, a biota que está naquele lugar. Por isso que ele tem que escolher primariamente os poucos lugares que estão sobrando em alguns países para serem estudados uma paisagem primária. Então há um espírito de pesquisa nesse conceito de sistema ecológico de um lugar. No caso do cerrado como você acaba de dizer, o estudo ecológico ainda não está perfeito, a gente sabe quais as árvores principais, visualizáveis. Saint Hilaire quando chegou ao cerrado dizia: parece um pomar abandonado de macieiras. Mas o nosso problema é saber

Entrevista

Entrevista

quais os componentes que estão dentro desse quadro. O quadro fitofisionômico é uma coisa, o quadro real é outra. E Translei queria um quadro real, estudar o suporte ecológico, a biota, ou seja, a biota animal, vegetal e também a biota micro-orgânica, que se traduz por coisas que estão dentro do solo. Então depois vem à dinâmica climática mantenedora do ecossistema. Então você vê: o chão da paisagem, a biota e o ritmo, e esse ritmo não muda tanto, o que muda é a interferência antrópica e sub-aérea.

C & I - E aqui em Goiás, o que mais chama a atenção do senhor?

Ab'Saber - No Centro-Oeste tem me chamado atenção a rapidez, primeiro foi para plantar um pouco de arroz, mas não foi muito ampla. Quando veio a soja, Deus meu! Certas áreas do noroeste da Bahia. Aquelas região que os mapas mostram uns rios todos paralelos, estreitos entre si... Aquela região um dia desses, eu passei em cima não reconheci mais. Foi muito devastada e está cheia de pivôs de irrigação. E, além disso, as propriedades foram vendidas a preços aviltados e portanto, a continuação dos processos devastadores será absolutamente certa. E como eu estive lá em 1946, na primeira viagem fora do domínio dos morros lá em São Paulo, eu fui para o sudoeste de Goiás, Rio Verde, Jataí e até Aragarças, eu vi a paisagem do Brasil Central quando o povo chamava ainda de sertão. Eram sertões interiores do Brasil. Hoje a situação é depois de Brasília e Goiânia mesmo, ou seja, depois da ampliação das cidades da região, e as cidades de apoio para a própria agricultura da soja e mais atividades bancárias e multiplicidade de atividades comerciais, mudou muito.

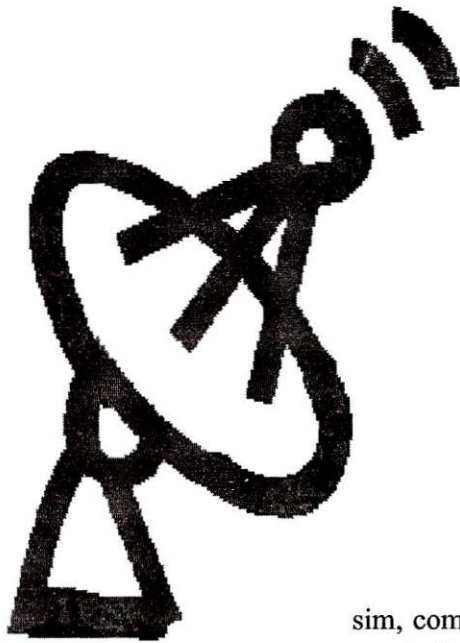
C & I - A que situação o senhor compararia esta região hoje?

Ab'Saber - Essa foi mais rápida por causa das condições topográficas do Brasil Central, áreas fáceis de serem trabalhadas. Não do ecossistema, mas da vegetação que contém ecossistemas mal conhecidos ainda, não é? Eu por exemplo já vi cerrados, cuja porção basal, o ecossistema na base tem o caraguatá (designação comum a vários gêneros da família das bromeliáceas), noutro lugar tem bambusáceas (família de gramíneas que abrange cerca de 45 gêneros, que habitam zonas tropicais e subtropicais). Então tem mudanças na composição biótica do cerrado e além disso não se observa os três grandes subconjuntos: cerrado, cerradões e campestres. E eu observei coisas nas minhas viagens pelo Brasil Central, que eu repeti a viagem de Aragarças no ano de 1979, só para observar como é que se transformou a região de Jataí, Rio Verde e Aragarças. E o que eu vi foi outro mundo e agora se eu for lá, para fazer estudo de campo na época do ciclo da soja, eu vou ver uma coisa ainda mais violenta. Quando eu não posso ir, eu costumo fazer uma interpretação por imagens de satélites e aerofotos. Enfim a topografia é muito suave, chapadões, etc..

C & I - Mas não se compara nem mesmo com a devastação da Amazônia?

Ab'Saber - Não, a devastação da Amazônia ainda tem sub-áreas que estão mais violentas, extraordinariamente violentas, porque ali está se derruindo uma floresta, uma biota vegetal de uma biodiversidade fantástica. E aqui tem menor biodiversidade, aparente, mas a generalidade que o ciclo da soja conseguiu, fazer sobre o domínio do

Entrevista
Entrevista



Entrevista

Entrevista

cerrado, cerradões e campestres é uma coisa muito ampla, afetou todas as subáreas e as conseqüências disso em termos dos microclimas deve estar acontecendo. Felizmente para o Brasil Central, o jogo das massas de ar continua o mesmo, entre a massa de ar polar atlântica sem muita umidade, e ocasiona o que vocês têm aqui no período de inverno, um inverno muito seco. E

depois de seis meses assim, começa a estação da chuva, e a estação das chuvas aqui tem de mil e trezentos a mil quinhentos, mil e oitocentos milímetros por ano. No Nordeste tem o mesmo ritmo, estação muito seca e muito quente. Aquilo que nós reconhecemos como “inverno astronômico”, vocês reconhecem. É no inverno que tem este clima que estamos sentimos atualmente, mas lá no nordeste neste mesmo período é muito seco e muito quente. Secam as drenagens, os rios ficam intermitentes e sazonais... e o quanto de chuva que chove depois no período chuvoso, que eles chamam de inverno, eles invertem, né? O verão é mais fresquinho por causa da chuva, então é o inverno para eles. Mas veja, lá chove de 400 a 600 milímetros em média, no sertão. Três vezes menos do que aqui no cerrado. É isso é importante saber. Há uma diagonal que vem da Caatinga ao Cerrado, porém o que está mais baixo nos sertões interplanálticos e interchapadas, o total de chuvas varia de 300 a 700 milímetros. Aqui no Brasil Central que está em altiplanos muito amplos, embora tenha algumas depressões interplanálticas também, nos cerrados, as precipitações variam entre 1.500, 1.800 milímetros. De três a

cinco vezes mais chuvas no verão do que as chuvas do pseudo-inverno que eles têm no nordeste.

C & I - O senhor atribui à geografia uma grande força, pois ela consegue fazer um estudo de um mesmo espaço em tempos diferentes. Que relação poderíamos fazer disso com a origem remota do cerrado?

Ab'Saber - Em todas as minhas pesquisas de campo e idéias intuitivas dos primeiros viajantes naturalistas, o que mais me impressionou foi quando esses pesquisadores iniciais sentiram que o cerrado era uma das mais primitivas vegetações do Brasil. Não sabiam até onde ia, nem como teria sido o país no período máximo de presença dessa vegetação. Mas disseram isso e eu guardei. Quando eu comecei a estudar o cerrado, primeiramente, eu fiquei desesperado para ir às caatingas para comparar o que eu vi no sudoeste de Goiás. Então, quando eu cheguei no nordeste eu fiquei admirado! Se o cerrado está no Planalto Central, a caatinga está em depressões interplanálticas e tem uma chapada aqui, outra ali, mas o domínio é de colinas sertanejas e com drenagens intermitentes, sazonais. Enquanto que aqui as drenagens são perenes, porque o quanto de chuva que cai e entra no solo é suficiente para manter o lençol de todos rios, a não ser quando o homem começa a destruir a cabeceira!

C & I - Eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a Teoria dos Refúgios, que o senhor desenvolveu...

Ab'Saber - Até 1956, eu só queria estabelecer bem como era a compartimentação do país e mudar algumas coisas erradas. Quando vieram Jean-Paul Tricart e André Cailleux numa excursão que nós fizemos para o nordeste, eles

paravam em todos os barrancos para olhar a estrutura superficial da paisagem para obter dados sobre o passado paisagístico. Eu fiquei impressionado. Numa dessas vezes, um geógrafo sueco disse: “eu quero fazer uma crítica! Eu não vejo vocês observando as paisagens, vocês observam só o barranco!” Daí, o Jean Dresh disse: “nós estamos viajando de ônibus e seguindo as paisagens, mas esses fatos que estão na estrutura superficial da paisagem, se nós não aproveitarmos para entender como existe no Brasil, nunca mais nós vamos ter oportunidade, porque não sabemos se voltaremos aqui. Então, é preciso registrar isso em primeiro lugar. E não é verdade que nós não estamos observando a seqüência paisagística”. Essa resposta ficou na minha vida. O Jean-Paul Tricart observou muito os barrancos. Se ele via uma linha de pedra aqui, ele olhava o conjunto para saber de onde teriam descido aquelas pedras pelo chão adentro, porque o barranco é um corte só, no chão de pedra. Eu também trato muito desse assunto. Eu digo que para entender o que significa a linha de pedras, em primeiro lugar apenas, como ponto de partida, é preciso fazer um „strip-tease“ do solo que está em cima dela, para saber como é que ele se prolonga para dentro. No Rio de Janeiro, eu fiquei olhando, todo mundo ficava bem perto da linha de pedras, olhando como eram os fragmentos, a média de fragmentos, um outro feixe rolado que veio junto. Mas eu comecei a me afastar e olhando o conjunto da paisagem e pensando como teria sido o chão de pedras na passado. Eu achei isso magnífico. Coisa que não está escrito. Quando chegaram em Paris, Tricart e Cailleux escreveram um artigo, tal era o seu interesse em saber algo da história vegetacional do Brasil. Fizeram um mapinha, que infelizmente eu não tenho, e saiu na

sociedade de biogeografia de Paris o trabalho com dois mapinhas. O primeiro mapa, eles fizeram de conta que era a vegetação de hoje, esqueceram os usos antrópicos, em cerrados, matas atlânticas e de transições. E o segundo mapinha falaram como seria no período daquela secura, representada pelo chão de pedras, e fez as matas tropicais atlânticas bem estreitas perto do mar. Eu, que cuido muito do ritmo das coisas, fiquei pensando que olhar o presente em um passado “x” não representava a dinâmica da história vegetacional. Então eu passei a pensar em redutos, na medida em que as caatingas se estenderam e, com elas, apareceram chão de pedra, vegetação herbácea, arbóreo-herbácea e muitos cactus, que hoje estão soltos em várias partes fora do nordeste. Por exemplo, eu estou estudando as cactáceas que aparecem na Serra do Jardim, em Vinhedo (próximo a Campinas/SP). Por que é que elas chegaram lá e tem espécies que são da caatinga. A mata entrou em tudo, fabricou seu próprio solo. Então sobraram linhas e eu chamei isso de redutos. E depois, estudando a marcha da degradação paisagística, pelo advento das caatingas de semi-árido, que ocorreu em algum momento, eu percebi que muitas áreas tiveram resto de matas, porque senão não teria voltado à mata atlântica, do nada não se constrói o nada. Essa foi a minha Teoria dos Redutos. Eu e o Bigarella, examinando tudo, chegamos à conclusão que foi o último ciclo glacial quando o mar desceu a menos cem e as correntes da Argentina e Uruguai foram até perto a Bahia não deixavam entrar os ventos úmidos, então tudo que estava entre serra e chapada, tudo que estava em depressão pode ter climas mais secos e ora mais seco, com pedras, ora mais secos sem os pedregais. Existe

Entrevista
Entrevista

Entrevista

Entrevista

caatinga que não tem chão pedregoso. Então, foi essa a Teoria dos Redutos. Passei esses dados para o professor Paulo Emílio Vanzolini e ele me disse: 'Aziz, se você tiver razão, isso é uma coisa fantástica! Por que você não está pensando como eu, que sou zoólogo. Na medida em que as florestas se reduziram, as faunas se concentram naqueles redutos e aí houve uma evolução biológica aqui, outra ali e apareceram subespécies. É por isso que nossos mapas de distribuição da vegetação não têm lógica porque a Teoria dos Redutos não vem acompanhada da Teoria dos Refúgios, que é dele, modificou o mosaico da vegetação.' Então, ao professor Monbeig, se ele estivesse vivo, eu diria: 'o senhor me ensinou a fazer só trabalhos analíticos e um dia cheguei a alguma teoria que valeu'.

C & I - Se considerarmos o histórico do ambientalismo brasileiro veremos que ele se torna um pouco mais evidente a partir da década de 1990, com a Rio-92. Existia, na época, e um pouco menos hoje, o termo "ecochato", que as pessoas em geral usaram para tratar os militantes da causa ambiental. Hoje, como minorias étnicas são segregadas, podemos falar em preconceito com quem defende o meio ambiente? O senhor acredita que os ambientalistas podem ser vistos como minoria?

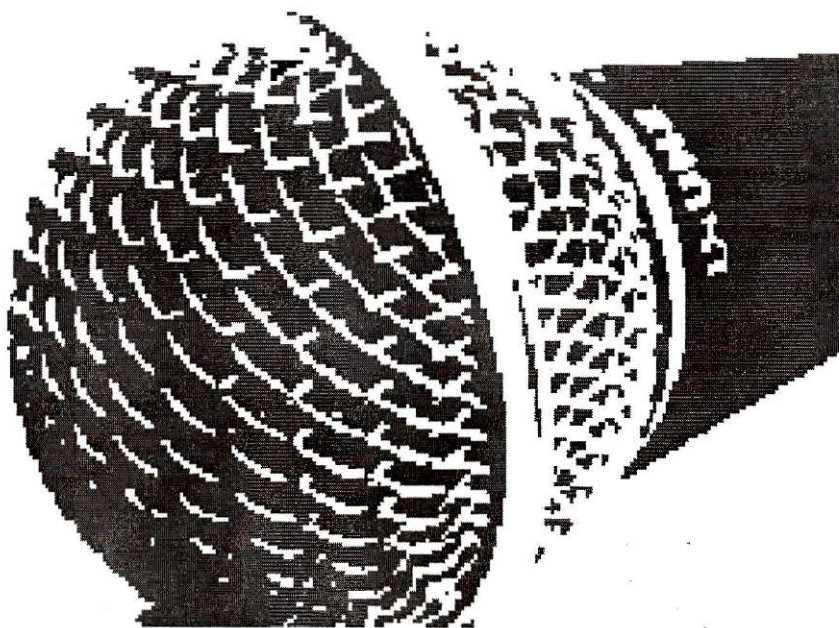
Ab'Saber - Não, eu não acredito, eu tenho certeza de que o capitalismo selvagem sempre vai combater os ambientalistas e suas pesquisas. Porque veja bem, o ambientalista tem um ideário de equilíbrio na ocupação dos espaços, um equilíbrio na não-concentração total de massas humanas e cuidam de problemas que os governantes não gostariam que estivessem sendo muito trabalhados. Por

exemplo, o metabolismo urbano é uma expressão que por acaso foi feita nos Estados Unidos, na década de 60, que procurava verificar como é que são as interações entre processos que ocasionam problemas nas áreas urbanizadas. Então, eles tentaram fazer um método um pouco simples, dizendo que no estudo do metabolismo urbano é preciso ver o que entra na cidade, o que forma fluxos dentro da cidade e o que é dejetado para os rios, lagos, para o mar, etc. Essas três palavras são muito boas pra gente explicar para as crianças o que entra, o que transita, o que é dejetado. Elas sozinhas não resolvem o problema de entender toda a seqüência do metabolismo urbano. Apesar disso, é preciso tentar fazer para cada cidade um pouco disso tudo a nível de sua distribuição espacial, centro, periferia do centro, centro expandido, periferias gerais, metrópoles externas, etc. Então, veja, por que os políticos e as autoridade estatais não fornecem, não insistem em estudar o metabolismo daquele mesmo espaço, interferências e como elas vão progredir no tempo. Os governantes acreditam que ecologistas não é um termo grosseiro, como é "ecochatos", estas são pessoas que atrapalham a liberação, a flexibilização neocapitalista, na qual eles estão inseridos. A noção de tempo e de espaço é outra. Eu queria relembrar aqui aquela frase do Lula, que foi a pior frase que eu já ouvi de um presidente: 'a Amazônia não pode ser intocável, não pode ser cultivada intocada'. Aquela frase nos mostra bem, o governo quer liberar pra um desenvolvimentismo cujas conseqüências ele não sabe a favor do país, da região e, sobretudo, da pobreza.

C & I - Então o “ambientalista” faz parte de uma minoria...

Ab'Saber - A minha preocupação é um pouco mais filosófica com o ambientalismo. O ambientalista, além de pensar eticamente no futuro, ele tem que se aperfeiçoar cientificamente para entender a parte ética, a parte científica e a parte de arte-ciência, que a previsão de impactos nos obriga fazer outras coisas que não são só científicas. Eu não posso afirmar que vai acontecer isso porque aconteceu exatamente isso agora e quando vierem as novas tecnologias e a novas massas humanas e mais volume de homens em certas áreas. Eu posso prever o que vai acontecer? Sobretudo com as mudanças da tecnologia? Então, o ambientalista também tem que se aprimorar no sentido de fazer ciência, ética com o futuro e na arte-ciência para não dizer perfeitamente que ele sabe o que vai acontecer. Mas ele tem a intuição de que algumas coisas podem ocorrer, sobretudo por causa das mudanças tecnológicas, dificuldade de alimento. Essa semana eu estou muito impressionado com o

caso brasileiro de alimentação. Nós temos muitos problemas com a pequena burguesia, já a alta burguesia é que está dominando os territórios da economia. Mas a alimentação no Brasil ficou muito farta. Dez têm muitos alimentos disponíveis nas feiras, nos mercados, nos shoppings e, principalmente, os de periferia porque são os que estão mais ou menos perto de áreas ricas, triplicam os preços. Eu tenho reparado nos preços de coisas normais. Quanto custa um quilo de tomate na periferia e, depois, no sacolão, nas sacolinhas e, depois, nos supermercados de centro. É uma barbaridade a diferença! De qualquer maneira, os alimentos estão salvando a população pobre, pois custam pouco e porque ela tem a possibilidade de ajuda dos vizinhos que ajudam com o pouco de dinheiro para comer alguma coisa. Mas tem o excesso de alimento para algumas pessoas mais ricas e a obesidade está documentando isso. Em certos lugares que vou, eu entreocho: de dez pessoas, sete são obesas, por causa dessa alimentação muito forte e barata.



Data da entrevista: 30 de maio de 2006

Entrevista
Entrevista